

A cor da pele define quem é protagonista? Uma análise comparativa das personagens femininas em *Pantera Negra* (2018) e *Capitã América* (2019)¹

Tamara Lopes de SOUSA²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Filmes de heróis ganharam popularidade e conseguem discursos através de seus roteiros e de suas imagens. *Pantera Negra* (2018) e *Capitã Marvel* (2019) têm em comum o fato de colocarem nas telas pautas minoritárias: enquanto o primeiro fala sobre representatividade negra, o segundo possui uma abordagem feminista. Entretanto, percebemos que a branquitude ainda permeia os dois espaços, delimitando quem realmente é protagonista e quem será apenas coadjuvante. O trabalho busca refletir sobre a presença feminina cisgênera nos dois filmes e avaliar de que cor/raça são as protagonistas e as coadjuvantes dessas películas. Utilizando como principais referências bibliográficas Kilomba, hooks, Cardoso e Nogueira, entenderemos os conceitos de branquitude e representação nesse gênero cinematográfico.

PALAVRAS-CHAVE: Pantera Negra, Capitã Marvel, branquitude, mulheres negras, representação.

INTRODUÇÃO

O cinema é um espaço para promoção e regulação de imaginários sociais. Através dele, assim como de outras obras artísticas, percebemos o modo de ver o mundo e a criação de novos mundos através dos olhares de quem produz e de quem assiste a obras. Um dos gêneros mais consumidos mundialmente na contemporaneidade é o dos chamados filmes de heróis. Em geral, são filmes que adaptam histórias em quadrinhos escritas e consumidas nos Estados Unidos, que retratam a vida de pessoas com superpoderes ou habilidades extraordinárias as quais utilizam esses dons para salvar a humanidade de quaisquer intempéries. A maioria desses filmes reúne em sua fórmula estrutural muitas cenas de ação, efeitos especiais e, no caso dos estúdios Marvel, doses de humor em suas narrativas, o que faz com que sejam acessíveis para o maior público possível, aumentando assim sua rentabilidade.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), linha 1 (Fotografia e Audiovisual), da Universidade Federal do Ceará, e-mail: tamaralopesfotografa@gmail.com.

Com a popularidade desse tipo de película e pensando na renovação das ideias que muitas vezes pareciam esgotadas, os estúdios começaram a se preocupar com a criação/adaptação de histórias que se preocupassem com nichos sociais antes não abordados. Uma estratégia que além de conquistar um novo público, mostrava que as obras não estariam apartadas do contexto social contemporâneo e de seus atravessamentos. Foi então que, em 2018, os estúdios Marvel (já associado diretamente aos estúdios Disney) lançou o filme *Pantera Negra*.



Poster oficial do filme “Pantera Negra” (2018). Fonte: site oficial Marvel.

O longa-metragem é uma retomada de aspectos relacionados à ancestralidade e à representatividade do povo negro, o que atraiu esse público e gerou uma comoção internacional, angariando fãs em todas as partes do mundo. Ele é o filme de herói dos estúdios Marvel que mais teve reconhecimento mundial, elogiado tanto pelo público quanto pela crítica especializada, sendo o primeiro do gênero a concorrer na categoria de Melhor Filme do Oscar de 2019. Dirigido por Ryan Coogler, que dividiu a escrita do roteiro com Joe Robert Cole, ambos negros, o filme conta a história de T’Challa, interpretado pelo ator Chadwick Boseman, após os acontecimentos do filme *Capitão América: Guerra Civil* (2016): agora o protagonista será o rei de Wakanda e enfrentará

os medos e responsabilidades de ser o regente de uma nação tecnologicamente avançada, autossuficiente e reclusa do resto do mundo.

Quando são considerados os mecanismos sociais que obstruem a mobilidade social ascendente do negro, às práticas discriminatórias dos brancos devem ser acrescentados os efeitos derivados da internalização pela maioria da população negra de uma auto-imagem desfavorável. Esta visão negativa do negro começa a ser transmitida nos textos escolares e está presente numa estética racista veiculada permanentemente pelos meios de comunicação de massa, além de ser incorporada num conjunto de estereótipos e representações populares. Desta forma, as práticas discriminatórias e a violência simbólica exercida contra o negro reforçam-se mutuamente de maneira a regular as aspirações do negro de acordo com o que o grupo racial dominante impõe e define como os ‘lugares apropriados’ para as pessoas de cor (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p. 91)

Indo na contramão do que foi pontuado por Gonzalez e Hasenbalg, *Pantera Negra* foi uma narrativa que se consolidou no imaginário popular com aspectos positivos sobre as culturas negras. Uma das características do filme, além de ser afrocentrado tanto no que diz respeito à produção quanto ao elenco, é a presença de muitas mulheres na narrativa. Todas elas possuem características atribuídas a um *super-herói*³: inteligentes, fortes, estrategistas, astutas, justas e destemidas. Entretanto, mesmo com todas essas qualidades típicas de famosos heróis como Capitão América, Thor e Homem de Ferro, nenhuma delas é colocada na trama com um protagonismo: todas são apenas assistentes do Rei de Wakanda.

Muitas mulheres começaram a questionar a falta de um filme com um protagonista feminina na Marvel, uma vez que nos quadrinhos existem uma gama de personagens que intitulam histórias de sucesso. Já apareceram outras personagens femininas nos outros filmes, como Tempestade, Jean Grey, Mulher Invisível, Viúva Negra (que mesmo aparecendo em muitos filmes do universo Marvel desde 2010, não teve uma obra focada em sua história até 2019), mas nenhuma até então teve a oportunidade de uma história como protagonista.

3O arquétipo do super-herói está fortemente mergulhado em afirmar uma divisão entre o certo e o errado, e assim os super-heróis operam dentro de uma estrutura moral. Além do mais, virtualmente todos os super-heróis são vitoriosos, não por causa da força ou armamento superiores, mas por causa da determinação moral demonstrada pela preocupação com os outros e pelas noções de justiça. Assim, os super-heróis negros não são apenas figuras que derrotam supervilões fantasiados: eles simbolizam a moralidade e a ética raciais americanas. Eles claramente representam ou implicitamente significam o discurso social e aceitam a noção de noções de reciprocidade racial, igualdade racial, perdão racial e, finalmente, justiça racial. (YUNES, 2018, p.71)



Poster oficial do filme “Capitã Marvel” (2019). Fonte: site oficial Marvel.

Então, surgiu *Capitã Marvel* (2019), dirigido por Anna Boden e Ryan Fleck, ambos brancos. Este foi o primeiro filme realizado pelos estúdios Marvel na década de 2010 a ser protagonizado por uma mulher. Desde 2008, com o lançamento de *Homem de Ferro*, muitas personagens femininas coadjuvantes foram apresentadas ao público, cuja função é unicamente ajudar o herói do longa-metragem ou ser par romântico dele na trama. Divergindo disto, *Capitã Marvel* é uma personagem forte, empoderada, que obtém poderes de forma fantástica (através do contato com uma energia alienígena) e os utiliza em prol da humanidade, assim como os demais heróis. Ela é uma mulher cisgênera branca, magra, jovem, com cabelos loiros e olhos claros. Para além das características físicas, a heroína possui senso de justiça, habilidades de luta e disciplina, as quais foram adquiridas na aeronáutica dos Estados Unidos, e um caráter incontestável. Ela luta pelo que acredita ser *o bem*⁴.

As personagens do filme *Pantera Negra*, Nakia, Shuri e Okoye, mesmo possuindo características, relativas a personalidade, semelhantes a *Capitã Marvel*, não tiveram a oportunidade de ter um filme longa-metragem solo sobre alguma de suas aventuras. Dessa maneira, o trabalho busca tensionar quais são as vantagens que a

4 Uma característica comum aos filmes de herói é a utilização de arquétipos positivos e negativos, sempre criando uma dualidade entre bem e mal como centro de suas narrativas.

*branquitude*⁵ possui na criação de narrativas positivas no mercado cinematográfico, analisando as duas obras já citadas.

Para isto, utilizaremos a análise bibliográfica de autores como Grada Kilomba, bell hooks, Lourenço Cardoso e Oracy Nogueira para abordar as questões sobre branquitude e negritude. O método que complementa esse estudo consistem em uma análise filmica⁶ crítica dos filmes *Pantera Negra* e *Capitã Marvel*, verificando seus aspectos estruturais e estéticos para a apresentação das personagens femininas em seus enredos.

REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS EM *PANTERA NEGRA*

A personagem Pantera Negra surge pela primeira vez no universo dos quadrinhos da Marvel na década de 1970, participando de uma das histórias do Quarteto Fantástico, para em seguida ter suas histórias distribuídas em uma revista própria. O apelo narrativo dessa personagem se deu por conta do movimento social dos Panteras Negras nos Estados Unidos que visavam a luta pela equidade racial no país marcado por segregação, preconceito e racismo.

Levando em consideração os apontamentos do pesquisador Oracy Nogueira, o filme *Pantera Negra* respeitou os aspectos visuais e étnicos do povo negro devido a uma agência cultural estadunidense dentro da comunidade afroamericana. O autor revela que existe uma consciência racial contínua no país onde foi produzido o filme mencionado.

Do mesmo modo, o negro norte-americano não tolera a apresentação de figuras caricaturescas de indivíduos de cor, de lábios espessos e brancos, olhos grandes, com exagero da parte branca do globo, nariz chato etc., destinadas à ilustração de anúncios, à ornamentação de salões e logradouros públicos etc., como os que se usam freqüentemente por ocasião do carnaval, no Brasil, inclusive nos clubes de “gente de cor”. (NOGUEIRA, 2007, p. 301)

Mesmo com essa pauta bem estabelecida na temática dos HQs, os primeiros números da revista do *Pantera Negra* era repleto de imagens de controle em relação aos

5 Lourenço Cardoso define branquitude “como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não-brancos”. (CARDOSO, 2014, p. 17)

6 Segundo Penafria (2009), a análise filmica é uma atividade de decompor, estabelecer e compreender a forma como foi realizado o filme. A autora reitera que “trata-se, acima de tudo, de uma actividade que separa, que desune elementos. E após a identificação desses elementos é necessário perceber a articulação entre os mesmos. Trata-se de fazer uma reconstrução para perceber de que modo esses elementos foram associados num determinado filme”.

corpos de mulheres negras, seguindo uma lógica editorial e visual atribuída a praticamente todos os quadrinhos da época: a hipersexualização.

Patrícia Hill Collins define imagens de controle como “uma representação específica de gênero para pessoas negras, que se articula a partir de padrões estabelecidos no interior da cultura ocidental branca eurocêntrica” (BUENO, p. 73, 2020). Em outras palavras, pessoas brancas estabelecem onde os corpos das mulheres negras poderão ocupar espaço na sociedade e todas essas categorias são baseadas em estereótipos negativos sobre essas pessoas.

Como parte de uma ideologia generalizada de dominação, imagens estereotipadas da feminilidade negra adquirem um significado especial. Como a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder, grupos de elite, no exercício do poder, manipulam ideias sobre a feminilidade negra. Isso se dá a partir da exploração de símbolos já existentes ou a partir da criação de novos símbolos. (COLLINS, p. 76 apud BUENO, 2020, p.79)



Personagem “Tempestade” em um dos quadrinhos dos X-Men da década de 1970. Seu corpo é exposto seminu, com formas do corpo acentuadas. Fonte: site The Comics Grid.

Quando o filme *Pantera Negra* foi lançado em 2018, o público se encantou pela narrativa afrocentrada, na qual a maioria das personagens eram negras, pelos aspectos visuais afrotuturistas⁵, pelos figurinos e também pela forma como as mulheres se apresentavam naquela narrativa. Rompendo a lógica estereotipada sobre fragilidade feminina, mulheres compunham a guarda real de Wakanda. As chamadas Dora Milaje protegiam o rei, dominavam táticas de luta e empunhavam lanças feitas de vibranium (o

elemento mais valioso desse universo fictício). A general Okoye, interpretada pela atriz Danai Gurira, era a personagem do filme que representava esse grupo e que tinha mais diálogos com o protagonista. Ela sempre acompanhava o protagonista em suas atividades e ajudava em suas estratégias, fornecendo não só sua capacidade marcial, mas também contribuía para a tentativa de sucesso das missões.

Okoye, bem como as demais Dora Milaje, raspa a cabeça, retirando de sua estética um dos principais signos atribuídos aos corpos femininos: o cabelo. Essa escolha poderia ser interpretada como uma maneira de retirar a vaidade/feminilidade do corpo das soldadas, entretanto ao longo do filme, percebemos que tal escolha é parte da cultura de Wakanda, não tendo como base esse conceito muito ligado ao padrão de beleza branco. Em uma das cenas do filme, inclusive, a general se queixa a respeito do porquê utilizar uma peruca para ir em uma missão na Ásia, mostrando que a presença ou ausência de cabelos não está diretamente ligada ao ser mulher em Wakanda.



Imagem da general Okoye (à esquerda) com as Dora Milaje: guarda real de Wakanda. Suas vestimentas serviam para proteção durante o combate e a forma como foram apresentadas ao público burlou a hipersexualização existente nos quadrinhos. Fonte: frame do filme Pantera Negra (2018), captura da autora.

As outras duas personagens analisadas serão Nakia, interpretada por Lupita Nyong'o, e Shuri, vivida por Letitia Wright. A primeira é apresentada como ex-companheira de T'Challa e espiã de Wakanda. Ela também conhece táticas de luta e possui destreza ao manusear armas. Sua missão é estar infiltrada em nações africanas

para informar e ou deter possíveis invasões ao reino da qual faz parte. A segunda é a irmã mais nova do rei e pessoa mais inteligente do país. Ela que desenvolve todas as tecnologias do país ligadas a infraestrutura e transporte, além de desenvolver equipamentos de combate para uso de seu irmão, o Pantera Negra. Visualmente, elas também rompem com o imaginário negativo sobre mulheres negras, uma vez que, como já foi exposto anteriormente, não são colocadas nas imagens de controle criadas pela branquitude.



Nakia, e Shuri, respectivamente, na cena que antecede uma batalha contra o vilão Killmonger. Fonte: frame do filme Pantera Negra (2018), captura da autora.

As três possuem características comuns ao que se espera de um herói desse universo: são habilidosas, inteligentes, possuem táticas de combate e defendem os valores da humanidade. No filme, elas também tem uma função em comum: são conselheiras do protagonista, tal qual acontece muitas vezes em filmes com protagonistas brancos. Yunes aponta que

os personagens negros sempre estiveram presentes nas páginas das histórias em quadrinhos desde o seu surgimento em 1896. Entretanto, sua representação nas histórias sempre foi majoritariamente em papéis de personagens cômicos, de baixa inteligência, vilões ou coadjuvantes. Isso é reflexo da cultura de estereótipos e do racismo que persiste desde os tempos antigos até os atuais. (YUNES, 2018, p. 68)

Mesmo carregando essa função no roteiro, as ideias transmitidas por Okoye, Nakia e Shuri pouco são atendidas ou levadas em consideração durante a história. Na

primeira cena de T'Challa no longa, Okoye atenta para os perigos que ele possa enfrentar e pergunta se ele gostaria de ajuda. Ele nega, corre risco de vida e então a general aparece para salvá-lo. Em seguida, o protagonista desenvolve um longo diálogo com Nakia a qual questiona o porquê de Wakanda não ajudar outros povos. Como resposta, o rei afirma que sua preocupação é apenas com seu reino e não com outras nações. E, com Shuri, percebe-se em alguns momentos um descrédito pelo fato dela ser irmã, mais nova e mulher.

Mesmo em uma nação que teoricamente não foi “contaminada” pelo colonialismo, percebemos relações de poder bem estabelecidas e baseadas num sistema muito parecido com o da sociedade ocidental. As mulheres no filme possuem falas importantes, são reconhecidas por sua inteligência, ocupam cargos de confiança, mas quem diz finalmente como as situações devem se desenvolver é o protagonista homem cisgênero.

O PROTAGONISMO DA BRANQUITUDE EM *CAPITÃ MARVEL*

Como mencionado anteriormente, o filme *Capitã Marvel* (2019) veio para cooptar um público que ansiava por uma personagem feminina como protagonista nos filmes da Marvel. Carol Danvers, interpretada pela atriz Brie Larson, surge então como uma heroína que corresponde ao padrão de beleza ocidental, porém diverge de aspectos sedimentados pelo imaginário social em relação a este grupo. Considerando os apontamentos de Cardoso, podemos verificar que esta é uma escolha para manutenção da branquitude no cinema.

A indústria cultural estadunidense é eficaz em tornar sua branquitude a mais virtuosa e desejável ao propagar a imagem de pessoas como: Kristen Stewart, Brad Pitt, Jessica Alba, Johnny Deep, Megam Fox, Bill Gates, Bill Clinton, Mark Zuckerberg, Kathryn Bigelow, Steve Jobs, Tom Cruise, Hillary Clinton, Angelina Jolie, Scarlett Johansson, Ben Bernanke, Alan Greenspan. As personalidades citadas são todas brancas, poderosas, algumas, igualmente, consideradas belas, milionárias e poderosas. Significam a “branquitude referência”, algumas branquitudes descartáveis, outras mais duradouras, mas, todas são desejadas e admiradas. (CARDOSO, 2014, p. 47)

Mesmo seguindo um padrão estético considerado “belo”, a personagem traz nuances que divergem do que essa imagem denota. Mariana Vlacic, em seu artigo “A tipificação da super-heroína Capitã Marvel: relacionamento abusivo e violência de gênero no filme de 2019” afirma que

a personagem foge aos estereótipos do gênero ao utilizar roupas que estão mais conectadas às atividades que ela está no momento do que algo que identifique seu sexo. E ainda como escolha da produção, em vários momentos a super-heroína é mostrada desganhada, suja e fazendo “caretas”, algo ainda raro em cenas de ação protagonizadas por mulheres e que criam maior conexão com a realidade. (VLACIC, 2021, p. 5)



Carol Danvers (Capitã Marvel) em uma das cenas do filme. As roupas não denotam uma feminilidade exacerbada, apenas são vestimentas confortáveis para o momento. Fonte: frame do filme Capitã Marvel (2019), captura da autora.

Em resumo, o filme conta a história de uma mulher da aeronáutica estadunidense que possuiu uma vida marcada pela superação das barreiras de gênero estabelecidas pela sociedade. Sempre que era confrontada por estar ocupando um espaço “masculino”, a protagonista provava sua capacidade para estar naquele local. Então, quando já possuía um cargo de relativa importância nas Forças Armadas de seu país, foi abduzida por seres extraterrestres, perdeu a memória e recebeu poderes espetaculares.

A trama mostra que aos poucos, ela começa a ter lembranças do passado e narrativa se trata de um grande resgate de memórias da personagem e de seus valores. Como a direção esteve nas mãos de uma mulher, percebemos que existe uma preocupação com a forma que essa personagem é representada: ela não é colocada como uma pessoa frágil, não sorri o tempo todo, não é meiga ou graciosa. Carol é uma personagem que se baseia em uma mulher “real”, diferente do que o cinema e as demais comunicações visuais tendem a mostrar. Mesmo como todos os avanços estéticos mencionados, não podemos deixar de questionar o porquê da Carol Danvers

ser uma pessoa não-negra e do quanto nos acostumamos com a ideia desse grupo social orbitar por todos os espaços como se esta característica fosse universal e as demais fossem variações da “original”.



Maria e Carol em uma das cenas do filme. As duas eram grandes amigas e se conheceram na aeronáutica dos Estados Unidos. Fonte: frame do filme Capitã Marvel (2019), captura da autora.

No enredo do longa-metragem, nos deparamos com Maria Rambeau, interpretada por Lashana Lynch, que possui as mesmas qualidades de Carol. Ela também é da aeronáutica, também é patriota, disciplinada, inteligente. Possui mais carisma que a personagem principal, porém é colocada apenas como amiga da protagonista, aparecendo em flashbacks e momentos pontuais da trama. Especificamente neste filme, há uma dualidade nessa amizade, com cenas de trocas de carinho muito longas que deixam o público questionando sobre a sexualidade de Carol e Maria. Entretanto, não nos debruçaremos sobre essa questão, mas sobre o fato de um protagonismo surgir de um corpo branco.

Analisando o cenário de filmes de herói live-action, ou seja, com atores reais, a partir dos anos 2000, levando em consideração tanto os estúdios Marvel quando DC Comics (seu principal concorrente), temos apenas quatro filmes protagonizados por pessoas negras: *Blade II* (2002), *Mulher Gato* (2003), *Blade Trinity* (2004) e *Pantera Negra* (2018). Destes, apenas um longa-metragem é protagonizado por uma mulher. Em

contrapartida, entre os anos de 2000 a 2021, foram realizados 39 filmes da Marvel e 20 filmes da DC Comics.

os super-heróis negros não são apenas figuras que derrotam supervilões fantasiados: eles simbolizam a moralidade e a ética raciais americanas. Eles claramente representam ou implicitamente significam o discurso social e aceitam a noção de noções de reciprocidade racial, igualdade racial, perdão racial e, finalmente, justiça racial. Mas os super-heróis negros não são apenas representativos do que é racialmente correto. Eles também são metáforas maduras para as relações raciais na América, e muitas vezes remetem a agitação racial crescente e declinante. Nesse sentido, os super-heróis negros nas histórias em quadrinhos americanas e, em menor grau, nos filmes e na televisão de Hollywood são cifradores culturais da sombra aceita em relação à justiça racial e à mudança das políticas de formação racial negra na América. (YUNES, 2018, p. 71)

Mesmo com uma diversidade étnica nos quadrinhos, o que explica o excesso de protagonismo branco nas telas? Dentre tantas respostas possíveis, podemos analisar o pensamento de Grada Kilomba em seu livro “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano”.

No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem. Eles pertencem a todos os lugares: na Europa, na África, no norte, no sul, leste, oeste, no centro, bem como na periferia. (KILOMBA, 2019, p. 56)

Dessa forma, compreendemos que existe toda uma estrutura que beneficia e ajuda na manutenção de um imaginário da universalidade branca. Grada complementa

Dentro dessa infeliz dinâmica, o sujeito Negro torna-se não apenas o ‘Outro’ – o diferente em relação ao qual o ‘self’ da pessoa branca é medido – mas também ‘alteridade’ – a personificação de aspectos repressores do ‘self’ do sujeito branco. Em outras palavras, nós nos tornamos a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer se parecer. (KILOMBA, 2019, p.174)

E tal representação mental apontada pela autora acaba atingindo pessoas negras, fazendo com que estas tenham vergonha dos aspectos físicos, do tom da pele e das características culturais, sendo imersas em um apagamento de suas origens. Stuart Hall conceitua raça como

uma característica discursiva e não uma característica biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo,

frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. - como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo do outro. (HALL, 2006, p.63)

Através da perspectiva apresentada, percebemos que uma raça possui maior reconhecimento e destaque quando se trata da representação de heróis e heroínas na mídia: a raça branca. Ela que detém os meios de produção, de comunicação e das artes. A figura da Capitã Marvel atribuída a uma mulher branca e não a uma mulher negra ou não-branca reafirma que os espaços ligados ao que é bom e justo tem uma cor bem definida. hooks afirma

Quando a maioria das pessoas negras dos Estados Unidos teve a primeira oportunidade de assistir a filmes e à televisão, fez isso totalmente consciente de que a mídia de massa era um sistema de conhecimento e poder que reproduzia e mantinha a supremacia branca. Encarar a televisão, ou filmes comerciais, envolver-se com suas imagens, era se envolver com sua negação de representação negra. (HOOKS, 2019, p. 213)

Mesmo com a consciência e com uma análise crítica de que existe um lucro com a comercialização de ideias progressistas (ou pelo menos com a insinuação de que estas ideias estarão nas narrativas) é importante considerar a importância da presença de pessoas negras e não-brancas nesses espaços majoritariamente compostos por pessoas brancas, como é o caso do cinema. Uma visão que gera um sentimento de representatividade que é importante para criar um novo repertório cultural positivo sobre uma parte da sociedade que sempre foi e ainda é marginalizada.

CONCLUSÕES

Apesar de todos os avanços no mercado cinematográfico, a criação de representações positivas e divergentes dos estereótipos estabelecidos sobre a população negra ainda é pequena. Grandes estúdios visam mudar suas narrativas para conseguir mais públicos e, assim, fazer com que suas obras sejam de altos lucros. Não podemos deixar de considerar esses fatores e limitar nosso olhar à ingenuidade de um “avanço” quanto às pautas minoritárias. Essas produções são financiadas por pessoas brancas, que ainda detêm e são mantenedoras do mercado audiovisual em geral.

Filmes como *Pantera Negra* (2018) e *Capitã Marvel* (2019) são sem dúvidas importantes para a renovação do imaginário sobre pessoas negras e mulheres brancas, respectivamente. Foram e são pontos de virada para novas perspectivas acerca desses

grupos sociais. Repercutiram positivamente no público e formaram um novo grupo de fãs de filmes de heróis. Surgiram também outras películas da Marvel com mudanças significativas, como Shang-Chi e a Lenda dos Dez Anéis (2021), que aborda estéticas e temáticas ocidentais, e Eternos (2021), que possui uma personagem surda em seu elenco com bastante relevância na narrativa.

Entretanto, a supremacia branca, como afirma bell hooks (2019), ainda delimita como, de que forma e qual o espaço em que essas temáticas “do outro” (KILOMBA, 2019) serão apresentadas. A construção de novos imaginários e repertórios culturais deve estar respaldada pelas minorias as quais devem participar ativamente dessas produções, não só como espectadores passíveis, mas como produtores de arte e de conhecimento. A branquitude, portanto, deve abrir mão do protagonismo que criou para si mesma a fim de que haja de fato uma modificação no cenário cinematográfico em geral.

REFERÊNCIAS

- AFROKUT. **O que é Afrofuturismo**. Blog AfroKut. São Paulo, 13 de maio de 2018. Disponível em <https://afrokut.com.br/blog/o-que-e-afrofuturismo/>. Acesso em 28 de julho de 2021.
- ALMEIDA, Chrislayne Muniz de. **Afrofuturismo e Direção de Arte no filme *Pantera Negra***. João Pessoa, 2020. 63 p. Monografia (Curso de Radialismo) – Universidade Federal da Paraíba.
- ANDREW, James Dudley. **As principais teorias do cinema: uma introdução**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2002.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas. Papyrus, 2003.
- BAZIN, André. **O cinema: ensaios**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991.
- BOTELHO; JUNIOR GERALDES. Joyce Luiza Alves; Gutemberg Alves. **A derrota do herói: a constituição arquetípica da personagem Killmonger no filme *Pantera Negra***. Revista Temática. UFPB. Paraíba, 2019.
- CAMPOS, Flávio de. **Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória**. Rio de Janeiro. Zahar, 2011.
- CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo. Perspectiva, 2007.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. Araraquara, 2014. 290 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

CIRNE, M. **Quadrinhos, Sedução e Paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

HOOKS, bell. **Olhares Negros. Raça e Representação**. Rio de Janeiro: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro. Cobogó, 2019.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil**. *Tempo Social*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 287-308, 2007. DOI: 10.1590/S0103-20702007000100015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12545>. Acesso em: 09 de janeiro de 2022.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes – Conceitos e metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, 2009. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: 09 de janeiro de 2022.

VLACIC, Mariana. **A tipificação da super-heroína Capitã Marvel: relacionamento abusivo e violência de gênero no filme de 2019**. *In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2021, Recife*.

YUNES, Mariana Mattar. **A representação de heroísmo negro e expressões de impacto no filme Pantera Negra: análise de conteúdo em uma comunidade de fãs**. *Revista Diálogo*, 2018. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.18316/dialogo.v0i39.4931>>. Acesso: 09 de janeiro de 2022..